



A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM UM PERCURSO HISTÓRICO NAS CAPAS DA REVISTA CAPRICHOS.

Carla Luísa A. DINIZ¹
carlaluisaad@gmail.com
Marcos O. MENDES¹
mendesoliveiramarcos@gmail.com
Jocasta N. MELO¹
jocastanm2017@gmail.com
Vivian Pinto RIOLO²
vivianpriolo@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma análise crítica acerca da representação da mulher, isso em dois períodos históricos, efetuado de material de capas da Revista Capricho da década de 60 do século XX e da segunda década do século XXI. Tal análise será desenvolvida por intermédio das propostas teóricas da Semiótica *Standart* ou padrão, na perspectiva greimasiana, avaliando e comparando o material de diferentes épocas e a construção da temporalidade nesses *corpora*.

Palavras-chave: Semiótica *Standart*. Gênero Discursivo Capa de Revista. Temporalidade. Representação da Mulher.

1. Introdução

A revista Capricho tem como público majoritário adolescentes e jovens mulheres. Em sua trajetória de publicações, a revista tem tratado de temas que vão dos últimos acontecimentos da moda àqueles afetos aos ídolos do referido público, além de trazer também dicas de relacionamento, paqueras e estética. Esse veículo de comunicação tem alcance nacional e é lido por muitas adolescentes que têm a revista como um guia de comportamento. Assim, pode-se considerar que a Capricho funciona como um guia para o público feminino adolescente.

¹ Graduandos do Curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – FALE/UFMG.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – POSLIN/UFMG.



Neste artigo, serão analisadas duas capas da Revista Capricho em momentos históricos distintos: anos 60 e anos 2000. A análise deve partir de pressupostos da semiótica greimasiana e tem o objetivo de perceber como ocorre a passagem do tempo nesses dois enunciados. A partir dessas análises, serão feitas algumas inferências sobre como esses recursos contribuem para a construção da imagem da mulher em uma perspectiva temporal.

2. A imagem da mulher na Revista Capricho: uma perspectiva temporal

No que tange à aspectualização figurativa dos textos que tomamos por base para esta reflexão, é possível perceber que na capa da revista dos anos 60, a representação da mulher (figura 1) denota uma postura libertária em que as temáticas sobre decotes do vestuário, interesse por homens e moda íntima figuram uma mulher que rompe com os paradigmas ideológicos sobre a figura feminina. Porém, a capa mantém no plano da expressão uma aspectualização conflituosa contrastando com o enunciado verbal e os valores da sociedade. Sobretudo porque se dá na foto pelo olhar que não encara a câmera e que não mostra nenhum decote ou postura mais ousada.

A capa da Sandy (figura 2), por sua vez, tenta mostrar uma visão mais autônoma da mulher. O olhar de Sandy se dirige à câmera, algo que, como vimos, não acontece na capa dos anos 60. Além disso, o uso das roupas mostrando parte do corpo e o enunciado “Cansei de ser santa” mostram a mulher como sujeito ativo de sua vida. Contudo, a marca temporal de passado no verbo *cansar* destoia da postura figurativizada pela cantora. Além disso, o movimento de transformação pensamento/atitude proposto pelo enunciado não configura uma nova concepção proposta pela temporalidade, pois, uma vez analisado em contraposição à capa dos anos 60, a posição imóvel diante do enunciado não representa a liberdade narrada.

Vale dizer que o sentido se constitui na história; a história não é externa ao sentido e portanto, a configuração que se faz do papel da mulher só pode ser entendido nesse viés. Com base nisso, o fato mesmo da articulação da debreagem na capa da revista da Sandy caracteriza essa delegação de voz que no passado era



negada à mulher. É fato que isso não pode ser tomado como uma mudança radical, mas esse efeito semiótico-discursivo nos permite perceber no enunciado “Cansei de ser santa” não só essa voz marcada, como tantas outras que se constituíram historicamente.

Na capa dos anos 60, vê-se que há poucos elementos textuais. Há apenas três frases na capa e elas estão ditas em terceira pessoa. Como apontado por Barros (2008) e Matte (2007), a utilização do texto em terceira pessoa, chamada *debreagem enunciativa*, cria o efeito de objetividade e distanciamento do leitor da enunciação. Esse efeito é percebido na capa. Não há uma aproximação da eventual leitora ao que está sendo colocado. No mesmo sentido da neutralidade, nota-se a ausência de vozes na capa. A mulher representada na capa não é um sujeito ativo, pois ela nada diz e nada é dito sobre ela. Ela é apenas uma representação geral das mulheres da época.

Como colocado por Teixeira (2004), ao analisar textos sincréticos, alguns aspectos devem ser considerados. Um deles é a questão da reiteração e da ironia/polêmica no texto. A reiteração é algo que é colocado em evidência pelo texto. Já a ironia/polêmica são os contrapontos que o texto coloca.

No caso da capa dos anos 60, podemos notar que há a reiteração da projeção do efeito de neutralidade nos aspectos verbo-visuais. A mulher não é uma figura conhecida pelo leitor. Ela não tem um nome ou uma identificação. Além disso, seu olhar não está direcionado ao leitor, mas para um objeto desconhecido, ou seja, há um efeito de distanciamento. Mas há também uma tentativa promover a noção de transgressão da postura feminina, discursivizada no aspecto verbal pelos temas que a revista propõe em consonância com o ar despreocupado da mulher com cabelos ao vento. A transgressão, portanto, é tomada pela categoria base semântica eufórica nesse enunciado, enquanto a sujeição é tomada como disfórica, uma vez que o que se pretende *fazer-criar* é que a figura feminina, de maneira generalizada, não está sujeita aos rótulos romantizados presentes na sociedade.

Na capa da Sandy, é possível notar uma operação polêmica, na qual o enunciado verbal que sugere uma mudança de estado pouco coincide com a sua atitude posicionada de modo estático. Embora utilize blusa curta demonstrando certa



“ousadia”, o tom rosado do cenário, das vestimentas e da maquiagem ainda sugerem como elemento cromático um ar infantil e sem muito engajamento com o enunciado verbal. Assim, a questão da pureza e o papel de vítima são colocados como disfóricos e os enunciados “Cansei de ser santa” e “Sandy monta no salto e fala do rótulo que mais odeia: o de coitadinha” mostram a transgressão feminina e a atitude como eufóricos.

Vemos, portanto, que tanto na temporalidade interna aos enunciados analisados quanto no contexto histórico, há uma tentativa de projeção da figura da mulher como emancipada, mas que precisa ainda ser talhada para desmistificar os rótulos que lhes são impostos.

3. Considerações finais

A análise das capas da revista *Capricho* dos anos 60 e dos anos 2000, ao contrário do que se poderia pensar, permitiu perceber que em ambas o enunciador opera com valores muito semelhantes em relação à questão feminina. As duas capas mostram uma tentativa de transgressão e não sujeição da figura da mulher aos padrões estabelecidos, mas por meio de estratégias semiótico-discursivas distintas.

Os recursos utilizados para produzir tal transgressão geram principalmente um efeito de impessoalidade na capa dos anos 60. Ao usar a terceira pessoa e uma mulher não conhecida, a revista não dita qualquer comportamento. Porém, a revista dos anos 2000 usa a figura de Sandy, conhecida e tomada como modelo das adolescentes desse momento histórico. E, por essa razão, aproxima os valores colocados por Sandy com os das leitoras.

Diante disso, constatamos que em ambas as capas houve a tentativa de isenção da revista *Capricho* pela responsabilidade do enunciado: na capa dos anos 60, foi possível notar um efeito de distanciamento no qual a responsabilidade da fala não é atribuída objetivamente a nenhum sujeito específico. Já na delegação de voz para Sandy, a revista se isenta da propagação de uma ideologia.

São, portanto, efeitos de sentido que se constituem na e pela linguagem e



que em uma perspectiva temporal, com base na semiótica discursiva, procurou-se elucidar de maneira objetiva, dado o limite da extensão deste artigo.

Referências

- BARROS, Diana L.P. *Teoria Semiótica do texto*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2008.
- FIORIN, José Luiz. A noção de texto em Semiótica. *Organon*. v. 9, n. 23, 1995, p.165-176.
- MATTE, Ana Cristina Fricke. Tempo de valsa brasileira. In: *Lingua(gem) Texto Discurso: entre a reflexão e a prática*. Org. Ana Matte. FALE/UFMG: Editora Lucerna, Belo Horizonte: Rio de Janeiro, 2007.
- MATTE, A C F, Lara, G M P. Um panorama da Semiótica Greimasiana. In: *Revista Alfa*, vol. 53, n.o 2, 2009. Disponível em <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119>>. Acessado em 15/2/2018.
- TEIXEIRA, Lucia. *Entre dispersão e acúmulo: Para uma metodologia de análise de textos sincréticos*. Gragoatá, [S.l.], v. 9, n. 16, jul. 2004. ISSN 23584114. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/586/451>>. Acesso em: 31 maio 2018.

ANEXOS

Figura 1

Fonte: http://www.anosdourados.blog.br/2011/07/im-agens-revista-importantes-revistas_30.html. Acesso em 26 abril 2018.

Figura 2

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Capricho_Sandy.jpg. Acesso em 26 abril 2018.